

'Temos de dar um salto na produção de filmes de qualidade'

EM CARTAZ Em quinze anos, políticas alavancaram setor A partir de 2002, Agência Nacional do Cinema ocupou espaço vago com o fim da antiga estatal Embrafilme

Renata Marinho

renata.marinho@oglobo.com.br

Em 2002, a produção televisiva brasileira terminou de ganhar estrutura. A longa-metragem foi sua primeira, a Rede Globo de Televisão lançou o primeiro filme brasileiro em alta definição, a produção independente para a televisão brasileira foi criada e o primeiro filme brasileiro em alta definição foi lançado. Hoje, há mais de 100 filmes brasileiros em alta definição produzidos e distribuídos no Brasil. O setor de produção de filmes de qualidade no Brasil cresceu 15% em 2015, segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Filmes (ABRAF). O crescimento foi impulsionado pela expansão da produção independente e pela criação de novos canais de distribuição.



Marcio Fraccaroli, presidente da Paris Filmes, e outro executivo do setor de produção de filmes de qualidade no Brasil.

Em 2002, a produção televisiva brasileira terminou de ganhar estrutura. A longa-metragem foi sua primeira, a Rede Globo de Televisão lançou o primeiro filme brasileiro em alta definição, a produção independente para a televisão brasileira foi criada e o primeiro filme brasileiro em alta definição foi lançado. Hoje, há mais de 100 filmes brasileiros em alta definição produzidos e distribuídos no Brasil. O setor de produção de filmes de qualidade no Brasil cresceu 15% em 2015, segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Filmes (ABRAF). O crescimento foi impulsionado pela expansão da produção independente e pela criação de novos canais de distribuição.

Em 2002, a produção televisiva brasileira terminou de ganhar estrutura. A longa-metragem foi sua primeira, a Rede Globo de Televisão lançou o primeiro filme brasileiro em alta definição, a produção independente para a televisão brasileira foi criada e o primeiro filme brasileiro em alta definição foi lançado. Hoje, há mais de 100 filmes brasileiros em alta definição produzidos e distribuídos no Brasil. O setor de produção de filmes de qualidade no Brasil cresceu 15% em 2015, segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Filmes (ABRAF). O crescimento foi impulsionado pela expansão da produção independente e pela criação de novos canais de distribuição.

Em 2002, a produção televisiva brasileira terminou de ganhar estrutura. A longa-metragem foi sua primeira, a Rede Globo de Televisão lançou o primeiro filme brasileiro em alta definição, a produção independente para a televisão brasileira foi criada e o primeiro filme brasileiro em alta definição foi lançado. Hoje, há mais de 100 filmes brasileiros em alta definição produzidos e distribuídos no Brasil. O setor de produção de filmes de qualidade no Brasil cresceu 15% em 2015, segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Filmes (ABRAF). O crescimento foi impulsionado pela expansão da produção independente e pela criação de novos canais de distribuição.

MARCIO FRACCAROLI

'Temos de dar um salto na produção de filmes de qualidade'

Presidente da Paris Filmes avalia que produção comercial sempre terá espaço de exibição. Para isso, país deve investir em longa-metragem de maior porte

Em entrevista ao *O Globo*, o presidente da Paris Filmes, Marcio Fraccaroli, avalia que a produção comercial sempre terá espaço de exibição. Para isso, o país deve investir em longa-metragem de maior porte. Fraccaroli afirma que o Brasil precisa dar um salto na produção de filmes de qualidade, não apenas em quantidade, mas em qualidade. Ele destaca a importância de investir em roteiros e em profissionais experientes. Além disso, ele menciona a necessidade de melhorar a infraestrutura e a distribuição de filmes. Fraccaroli também fala sobre o crescimento do mercado de filmes de qualidade no Brasil e a importância de ter canais de distribuição dedicados a esse tipo de conteúdo.

Como surgiu a empresa Paris Filmes?
A Paris Filmes surgiu em 2011, com o objetivo de produzir e distribuir filmes de qualidade. A empresa é liderada por Marcio Fraccaroli e tem investido em projetos de longa-metragem e séries de televisão. A Paris Filmes é uma das principais produtoras de filmes de qualidade no Brasil e tem produzido obras como *Os Invasores* e *Os Invasores 2*.

Qual o maior desafio da produção de filmes de qualidade no Brasil?
O maior desafio é conseguir financiamento para projetos de longa-metragem. No Brasil, a produção independente ainda enfrenta dificuldades para obter recursos. Além disso, a distribuição de filmes de qualidade ainda é limitada, com poucos canais dedicados a esse tipo de conteúdo.

Como você vê o futuro do mercado de filmes de qualidade no Brasil?
O mercado de filmes de qualidade no Brasil está em expansão e tem um futuro promissor. Com o investimento em roteiros e profissionais experientes, o Brasil pode se tornar uma potência mundial na produção de filmes de qualidade.

Autor: GLAUCE CAVALCANTI glauce@oglobo.com.br

Investir em bons roteiros, qualidade de produção e novas salas de cinema vai ajudar a ampliar o setor do **Audiovisual** no Brasil, avalia Marcio Fraccaroli, presidente da Paris Filmes, que atua em produção e distribuição de filmes. Ele recebeu semana passada o prêmio de Distribuidor do Ano no ShowEast, evento da **Indústria Cinematográfica** latino-americana, em Miami.

O **Audiovisual** segue em expansão apesar da crise. O que explica isso?

Este ano, o mercado deve crescer 5% em público e 10% em faturamento. Com a crise política, as pessoas correm para o cinema para ter uma espécie de fuga do momento ruim. Então existe o público. E a infraestrutura melhorou. Há novas salas e a digitalização do sistema tornou a programação muito melhor, permitindo fazer lançamentos de forma mais flexível. Outra coisa é a safra de bons filmes, que atende uma expansão natural do setor.

A ampliação do parque exibidor ajudou?

Há um grande gargalo em exibição. O Brasil tem população perto de 210 milhões de pessoas e apenas 3.100 salas de cinema. E há problemas segurando a expansão. Por causa da crise, falta investimento em shoppings. Tem menos espaço para instalar cinemas. Antes, quando a economia estava quente, os shoppings tinham menos interesse em ter mais salas porque exige expansão de vagas de estacionamento e operação.

O mercado mudou?

O mercado nunca foi tão competitivo. Há muita concorrência, com operadores de TV, a expansão do VoD (vídeo sob demanda). Mas a sala de cinema é diferente. É uma atividade social, uma experiência. O exibidor já entendeu que a experiência é cada vez mais necessária, reunindo a qualidade em som e imagem, conforto, gastronomia e serviços nas salas. Isso exige investimento.

Por que há discrepância entre o número de filmes brasileiros e estrangeiros em exibição?

Se tivéssemos mais salas, estaria melhor. Deveríamos ter política específica para isso, para convencer o operador ou o dono dos shoppings a construir cinemas. Nos períodos de alta temporada, como janeiro e julho, tem pouca sala para tanta oferta de filmes. O cinema nacional vem crescendo, mas tem altos e baixos. Fomos a primeira empresa brasileira que teve coragem de lançar títulos nacionais em janeiro e julho, com 'Cilada'. E a resposta aconteceu. Entre o fim de dezembro deste ano e 1º de fevereiro de 2017, temos quatro filmes programados: como 'Minha mãe é uma peça 2' e 'Gaby Estrella'.

Mas os brasileiros perdem a briga com as produções estrangeiras no circuito de salas...

Negociamos com o exibidor a entrada do filme. Entre março e agosto, no verão dos EUA, sai maior quantidade de filmes americanos. E o cinema nacional é colocado um pouco de lado. Se tiver bom material, vai entrar. O problema não está na exibição. O duro é convencer a exibir um filme de pouco interesse do público. Um filme comercial, que vai fazer receita, convence. Temos de dar um salto na produção de filmes de qualidade. O cinema nacional tem de encontrar seu caminho, sem rivalizar com ninguém. Tudo é cinema brasileiro. A comédia faz sucesso há décadas, não vai cair.

A produção nacional vem crescendo...

Sim, são perto de 150 produções por ano, embora nem todas sejam finalizadas. Mas talvez fosse melhor fazer 70, mas de extrema qualidade. O Brasil precisa de recursos para fazer filmes maiores. Com a falta de recursos, fica difícil fazer filmes com custo superior a R\$ 10 milhões. Filmes de arte e cultura vão ter distribuição, mas todo filme tem um tamanho. Há lançamentos para mil salas e há lançamentos para 50 salas.

Como ampliar a presença nacional?

O desafio em produção é conquistar o novo público pela história e não pelo protagonista. O filme deve ser atraente independentemente de quem atua nele. 'Aquarius', por exemplo, é uma boa história. Tem pouca gente escrevendo no **Audiovisual**. A **Ancine** criou linhas para desenvolver núcleos criativos, estimular profissionais a escreverem histórias. Mais adiante, trará resultado.

E o mercado de vídeo sob demanda?

É o novo **Audiovisual**, oportunidade de trazer receita, encontrar distribuição, mas precisa ser regulamentado. Oferece uma forma democrática de espalhar o filme. Os produtos têm de ter janelas de exibição. Os problemas em infraestrutura e qualidade de internet banda larga no país, a recessão e a queda de assinantes de **TV Paga** e canais de vídeo são desafios a superar.